



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i2.64847>

# Revista Trágica

Volume 17 - Número 02 ISSN 1982-5870

---

## Diferença e devir-minoritário: interlocuções entre Beatriz Nascimento, Deleuze e Guattari\*

*Difference and Becoming-Minor: Dialogues Between Beatriz Nascimento, Deleuze, and Guattari*

Amanda de Almeida Romão  

Mestranda no PPGF da UNIFESP, Guarulhos, SP, Brasil.

Contato: [amanda.romao@unifesp.br](mailto:amanda.romao@unifesp.br)

**Resumo:** Este artigo busca apresentar o conceito de diferença em Gilles Deleuze e a impossibilidade de reduzi-lo ao diverso, a algo que estaria encerrado numa exterioridade, numa identidade – com a observação crucial de que criticar a identidade não corresponde a opor-se às minorias. Vemos no pensamento de Beatriz Nascimento como a sua produção conceitual aproxima-se e difere-se da filosofia de Deleuze e Guattari, construindo um pensamento próprio sobre o quilombo e as pessoas negras. A partir desse entrelaçamento e, partindo do território brasileiro, podemos problematizar os limites das identidades para alargar as possibilidades conceituais e políticas através dos devires-minoritários, que implicam toda uma comunidade.

**Palavras-chave:** diferença, devir, minoria, identidade.

**Abstract:** This article seeks to present the concept of difference in Gilles Deleuze and the impossibility of reducing it to the diverse, to something that would be confined to an exteriority, an identity – with the crucial observation that criticizing identity does not correspond to opposing minorities. We observe in the thought of Beatriz Nascimento how her conceptual production approaches and diverges from the philosophy of Deleuze and Guattari, constructing her own thought on the quilombo and Black people. From this intertwining and starting from the Brazilian territory, we can problematize the limits of identities to broaden the conceptual and political possibilities through minoritarian becomings, which implicate an entire community.

**Keywords:** difference, becoming, minority, identity.

---

\* Este artigo é fruto da bolsa CAPES-DS e não expressa o posicionamento da instituição. O texto é uma versão atualizada e ampliada da apresentação realizada no IX Encontro do GT Deleuze e Guattari: Arte e Política, ocorrido em outubro de 2023, na UERJ.

*Quem era Zaratustra, Zumbi, senão o mesmo Homo sapiens,  
senão nós mesmos primordialmente.<sup>1</sup>*

## I. Diferença e minoria.

Em *Diferença e Repetição*, temos a seguinte definição “A diferença não é o diverso. O diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso”.<sup>2</sup> Grosso modo, faz-se notar a distinção entre o exterior e a própria diferença.

No campo exterior, a pluralidade só faz ressaltar a essência do diverso. Nesse âmbito, utilizamos a comparação e dizemos que X é diferente de Y segundo uma ordem de qualidades arbitrárias. Nada dizemos, no entanto, daquilo que faz X ser o que se é e Y ser o que se é. Se a discussão encerrasse aí, teríamos apenas constatações do mundo empírico e nada mais.

Fadados ao particular, diríamos que um determinado tipo de phalaenopsis possui uma coloração mais roxa que o outro, que determinado vinho agrada mais ao nosso paladar que outros etc. Mas, Deleuze vai muito além.

Ao pensar o conceito de diferença, nos colocamos diante de duas obras fundamentais: *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do sentido* (1969). Na primeira obra, vemos com nitidez como Deleuze se insere na história da filosofia e problematiza esses dois conceitos (a saber, “diferença” e “repetição”) a partir dos “grandes nomes”, por assim dizer, dessa história.<sup>3</sup> Na segunda, avança para a compreensão do conceito de acontecimento a partir do sistema estoico e da literatura de Lewis Carroll – apesar de não se reduzir, contudo, a essas referências. Compreendemos que ambas produzem uma comunicação recíproca a fim de conceber a sua ontologia que é, ao mesmo tempo, ética-estética-política, mas, sobretudo, imanente.<sup>4</sup>

A originalidade dessa filosofia está na maneira com que os conceitos são criados: sempre a partir de problemas. Não se pode pensar sem eles e sem sofrer a violência no pensamento que deles deriva. É essa a demonstração, muito mais do que a tarefa, que Deleuze nos deixou.

Nesse sentido, para que possamos compreender a diferença, precisamos adentrar a teia em que ela se insere, insurgindo-se contra a representação, a identidade.<sup>5</sup> Não se trata, contudo, de negar os dados da experiência que nos permitem constatar a multiplicidade de seres e coisas e atribuí-las um nome, uma identidade, mas recusar abertamente que o Ser se diga a partir de uma série de categorias estáveis e pressupostas

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Maria Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*, p. 91.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*, p. 297.

<sup>3</sup> Referimo-nos a Platão, Aristóteles, Duns Scot, Espinosa, Hegel, Nietzsche etc.

<sup>4</sup> O artigo não pretende ser fonte de todas essas demonstrações, mas visa problematizar o conceito de diferença a partir de uma perspectiva política. Para uma melhor compreensão dessas relações, ver: MACHADO, Roberto. “Uma geografia da diferença”. *Revista Cult*, São Paulo, v. 289, 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-geografia-da-diferenca/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

<sup>5</sup> Para um aprofundamento desse tema, ver: FORNAZARI, Sandro Kobol. *Deleuze: as diferenças intensivas e a potência do pensamento*, pp. 31-51.

em graus de perfectibilidade – como propôs Platão ao definir o mundo inteligível e sensível.

Bem mais próximo ao devir heraclitiano, se a diferença pode ser compreendida enquanto um problema filosófico é porque os processos de diferenciação, ou seja, o dinamismo da própria diferença, são por vezes barrados através da tentativa de controlar o fluxo do que nos escapa. E, sendo a diferença um problema filosófico, particularmente interessa-nos pensá-la enquanto problema político. Em outras palavras, ao falarmos de um problema filosófico, nos referimos aos conceitos e à imbricação própria de uns aos outros ao longo da história da filosofia, podendo expressar uma relação muito direta ou não com outras áreas do conhecimento. Já ao tomar um conceito e tratá-lo como problema político, o que se espera é um alargamento do próprio conceito – sem abdicar das respectivas definições dadas ao longo do tempo – a partir do campo em que ele se insere, mediante o respectivo jogo de forças nesse campo.

Imaginemos aqui o devir que arrasta um universitário indígena em um curso de filosofia e que, ao saber do avanço do garimpo em sua comunidade, naquele dia, não poderá mergulhar nas obras consideradas como o cânone da filosofia, e trabalhadas em aula, sem sentir o fluxo que atravessa seu pensamento. Fazer isso seria lesionar a si mesmo, impor ao próprio pensamento uma boa vontade de compreender determinados textos sem notar a violência que já o afetou, que o provoca a pensar na resistência de sua comunidade.

Mas dizer isso não é o mesmo que dizer que esse universitário jamais poderá se interessar e ensinar a respeito do cânone da filosofia, divergindo e/ou se aproximando dessas obras. Pois um corpo, enquanto fenômeno, enquanto exterioridade, é puro silêncio. Pressupor uma orientação do sujeito que parte de uma identidade externa, a de pertencer a *x* comunidade e ter de agir de tal forma, é roubar-lhe a possibilidade de definir quais predicados dizem respeito a si.

Ao fazer isso, Deleuze elimina a possibilidade de generalizações calcadas em imperativos e busca apresentar a fundação de um sujeito a partir de um campo imanente, um campo transcendental. Como afirma Bento Prado Jr., “trata-se de inverter a linha do pensamento, para levá-la para algo como um campo prévio, pré-subjetivo e pré-objetivo, donde constituir tanto sujeito como objeto”.<sup>6</sup>

A substituição central está em deixar de compreender as pessoas como um conjunto de fenômenos, ou seja, como um conjunto de aparições, para compreendê-las como acontecimentos. Conforme demonstrado acima, é menos a aparição e mais a individuação que contam no processo de fundação de um sujeito. No título de uma de suas aulas no Centro Universitário Vincennes, em 1980, Deleuze formula: não somos pessoas, somos acontecimentos.

Em *Lógica do sentido*, vemos um exemplo interessante a esse respeito. Joë Bousquet, poeta ferido no final da Primeira Guerra Mundial, “fez da ferida que ele portava em sua

---

<sup>6</sup> JR., Bento Prado. “Bento Prado Jr. analisa Deleuze”. *Folha de São Paulo*, 2 jun. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/02/mais!/7.html> Acesso em: 05 mai. 2024.

pele a transmutação para uma relação fundamentalmente comum a todos os homens”.<sup>7</sup> Pois,

[...] não há acontecimentos privados, e outros coletivos; tampouco há individual e universal, particularidades e generalidades. Tudo é singular e por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular e geral, nem individual nem universal. Qual guerra não é assunto privado, inversamente qual ferida não é de guerra, e vinda da sociedade inteira? Que acontecimento privado não tem todas as suas coordenadas, ou seja, todas as suas singularidades impessoais sociais?<sup>8</sup>

A fórmula poética de Bousquet ecoa nesse procedimento: *ma blessure existait avant moi, je suis né pour l'incarner*.<sup>9</sup> Ferida que é coletiva e privada ao mesmo tempo: oriunda da guerra entre a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente, mas também entre o conjunto singular de experiências e pulsões que o levou até ali e das quais ele busca estar à altura.

Eis a estrutura dupla de todo acontecimento. De um lado, a parte do acontecimento que se realiza plenamente (efetuação). De outro, aquela que mesmo na plena realização não pode se realizar (contraefetuação). De um lado, a ferida que Bousquet porta em sua pele. De outro, a íntima relação de querer o seu próprio destino para nele poder agir, tornando-se assim a quase-causa daquele destino.

Ora, se esta digressão à *Lógica do sentido* se faz necessária é porque na estrutura dupla de todo acontecimento temos uma demonstração possível do procedimento de constituição de sujeito e objeto na filosofia deleuziana – tal como dito por Bento Prado Jr. no trecho supracitado. Através dessa constituição de sujeito e objeto, se acompanharmos atentamente a estrutura dupla de todo acontecimento, veremos que nela reside uma força política atemporal e extremamente relevante no contemporâneo. O que seria essa vontade de querer o que nos acontece, mesmo uma ferida, e agir sobre ela, singularizar-se a partir dela, tornar-se sujeito ao invés de mero objeto submetido a uma série de acasos que não lhe dizem respeito?

E, ao falar a partir do território brasileiro, o que significaria querer a história da qual somos feitos? O que significaria querer os fatos abjetos que marcam as paredes de nossos museus, não como ato de celebração ingênua à dominação europeia, ao golpe dos militares e nem à toda sorte de infortúnios que nos constituiu enquanto povo, mas como única chance de não negar o que nos aconteceu, investidos em fazermos algo com esses restos da história, esses restos de nós mesmos? Questão política sempre premente. *Querer*, nesse sentido, refere-se apenas à *dupla superação da negação*: tanto no sentido de negar-se a apagar um fato histórico e, portanto, negar a própria realidade, quanto no sentido de simplesmente paralisar-se na negação (“isso que aconteceu não deveria ter acontecido”), e supor como tudo poderia ter sido diferente se...

<sup>7</sup> ROMÃO, Amanda de Almeida. *Amor fati: delineamentos da afirmação em Nietzsche e Deleuze*. **Primeiros Escritos**, São Paulo, v. 11, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeiroscritos/article/view/178112> Acesso em: 06 mai. 2024.

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Ed. Les Éditions de Minuit, 1969, p. 178 (tradução de Amanda Romão e Sandro Kobol).

<sup>9</sup> “Minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la”. Ibidem, p. 174.

Mas, é certo que encarnar a dupla estrutura do acontecimento é mais que um desafio, é um modo de vida que só diz respeito aos sujeitos livres, sujeitos liberados do ressentimento e ativos no que lhes acontece. Com um brado trágico e afirmativo, Deleuze diz numa passagem marcante da série “Do Acontecimento”:

[...] Que haja em todo acontecimento meu infortúnio, mas também um esplendor e um brilho que seca o infortúnio, e faz que, querido, o acontecimento se efetue sobre sua mais estreita ponta, no corte de uma operação, tal é o efeito da gênese estática ou da imaculada concepção.<sup>10</sup>

Na história de nosso país, temos um singular exemplo da encarnação de um sujeito livre: Maria Beatriz Nascimento. Mulher sergipana nascida em 1942 e de fundamental relevância para os movimentos negros surgidos na década de 70, Beatriz se dividia entre a vida universitária, no curso de História, e o ativismo, permanecendo sensível à poesia e à experimentação dos conceitos que se apresentavam como ferramentas para a vida, sobretudo a partir das suas duas décadas investigando e atualizando o que se entende por quilombo.

Em 1988, três meses após o centenário da abolição da escravatura no Brasil, e ao mesmo tempo em que lia e analisava *Kafka: por uma literatura menor*, Beatriz chega à conclusão de que:

[...] para existirmos neste mundo adverso teríamos que buscar uma vida mais volátil, leves e misteriosos como alguns animais<sup>11</sup>. Se tivermos realmente que influenciar as mudanças que se processam na trajetória da humanidade, não deveríamos ter de colocar nessa “violência” como uma reprodução, filha do ressentimento, do recalque, da vingança sem objetivo. [...] extraímos a seiva da potência da vida não com o confronto e sim desviando-nos dos obstáculos terríveis impostos pela face perversa do regime opressivo do capital<sup>12</sup>.

Na obra intitulada *O negro visto por ele mesmo*, organizada por Alex Ratts com os escritos de Beatriz, vemos que não se trata de elaborar um tratado político em tom de imperativo formal sobre como deveria se dar as lutas do povo negro, mas sim pensar estratégias de luta e resistência que se aproximam de uma máquina-de-pensamento negra, e, portanto, minoritária. Nesse âmbito, temos uma primeira divergência importante na construção conceitual de Beatriz e de Deleuze-Guattari. Vejamos.

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>11</sup> Aqui, podemos compreender a sua alusão ao conceito de devir-animal, criado por Deleuze e Guattari. Mas, antes, seria preciso frisar um aspecto: ao entendermos que o “viver como alguns animais” significaria tentar reproduzir os sons ou gestos de qualquer um deles, ficaríamos retidos numa mimesis esvaziada de sentido. Ao contrário, para vivermos como animais temos de saber que a desterritorialização de um ao outro não dissolverá a diferenciação entre seres heterogêneos. Devir-animal é, portanto, fazer um movimento de busca para atingir um *continuum* de intensidades que não nos permite mais falar de si enquanto um indivíduo isolado e com uma estrutura egóica dominante. É justamente o momento em que eu, sujeito humano, perco a solidez com que me identifico nessa categoria humano e posso me abrir às riquezas de um organismo múltiplo existente num bando de cavalos, por exemplo.

<sup>12</sup> NASCIMENTO, M. B. Op. Cit., p. 90.

Fala-se “minoria” como um bloco monolítico; embora tente-se particularizar as diferentes minorias [mulheres, crianças, homossexuais, proletariado e etnias], não se busca olhar mais atentamente para as diferenças no seio da própria minoria particular.<sup>13</sup>

A sua principal observação é que “diferenças múltiplas podem acontecer no seio de uma minoria, de modo que seu espaço é muito maior do que se pode imaginar”.<sup>14</sup> Aqui, vemos que o conceito de diferença não está atribuído no mesmo sentido deleuziano, como um campo pré-subjetivo, e sim aponta para as diferentes formas de uma pessoa se singularizar no interior de um grupo minoritário, ou seja, aponta para uma impossibilidade de teorizar sobre as minorias enquanto um grupo unificado.<sup>15</sup>

A tensão entre o interior x exterior mais uma vez reaparece. Beatriz atenta-se para a *singularidade intraminoria*, e, a partir dela, discorda que exista o desejo definitivo de ser minoritário, e que inclusive “ser maioria também é um devir para alguns entre os minoritários, o que seria uma desterritorialização vindo de impulsos do próprio descontentamento do estar fora do poder, excluído, empobrecido, discriminado”.<sup>16</sup>

É importante ressaltar que Beatriz estava divergindo com plena consciência teórica em relação aos autores: em primeiro lugar, ao particularizar com mais atenção cada minoria; em segundo, ao apontar o desejo de deixar de ser minoritário; e, por fim, que haja um devir na ordem da maioria.

Uma chave de compreensão está no conceito de singularidade intraminoria: ao pensar a singularidade a partir do plano conceitual deleuzo-guattariano, somos levados a um plano imanente e pré-subjetivo, o fundo das diferenças intensivas que não cessa de operar pelo movimento e repouso. Nele, há a vida impessoal, vida indefinida e que só busca a determinação do singular<sup>17</sup>, sendo necessário ressaltar aqui que a singularização difere da individuação<sup>18</sup>. Portanto, ao falar em uma singularidade intraminoria, Beatriz refere-se ao que Deleuze e Guattari chamariam de uma individuação intraminoria, pois trata-se de vidas definidas, possuidoras de um nome próprio, e não se refere à vida singular imanente.

Beatriz demonstra especial interesse em pensar a partir de vidas definidas, pois a sua criação teórica tem dois pontos fundamentais: o seu território é o Brasil e o seu movimento é o Movimento Negro Unificado. Entretanto, não nos proporemos a dizer

<sup>13</sup> Ibidem, p. 97.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Apesar de haver desdobramentos sobre os diferentes tipos de devires em *Mil Platôs*, o interesse na composição de uma noção de devir-minoritário busca mais as aproximações entre os diferentes tipos de minorias do que diferir os sujeitos integrados a determinado grupo minoritário no interior de seu próprio grupo. Trata-se, em suma, de produzir um corpo minoritário molecular, constituir uma micropolítica ativa. É a isso que Beatriz opõe-se: não se debruçar mais atentamente a cada minoria em particular.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>17</sup> Por exemplo, a singularização apresentada por García Lorca no verso “Que terríveis cinco horas da tarde”, em seu poema “A captura e a morte”, e cuja menção está presente na aula de Gilles Deleuze. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8> Acesso em 18 mai. de 2024.

<sup>18</sup> “É uma heccecidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, pois somente o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má” DELEUZE, Gilles. *Imanência: uma vida...* **Revista Limiar**: São Paulo. v. 2, n.4, 2015. Tradução de Sandro Kobol Fornazari. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/9264> Acesso em: 10 mai. 2024.

qual é a melhor saída (se pensar a partir de *uma vida* ou de vidas determinadas), e sim compreender os desdobramentos em cada uma dessas possibilidades.

Em relação aos pontos levantados por Beatriz sobre o desejo definitivo de ser minoritário e ser maioria enquanto um devir entre os minoritários, cabem alguns esclarecimentos: quando Deleuze e Guattari empregam o termo minoritário, esse não surge como correlato à minoria (suavizar), e sim como um dos elementos de sua micropolítica ativa.<sup>19</sup> Nesse sentido, desejar definitivamente ser minoritário é desejar definitivamente fazer fugir os padrões majoritários, o assujeitamento dado pela forma Estado etc.

Já em relação a ser maioria enquanto um devir entre os minoritários, os autores pontuam:

Por que há tantos devires do homem, mas não um devir-homem? É primeiro porque o homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir minoritário. [...] Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso. Não se trata de saber se há mais mosquitos ou moscas do que homens, mas como “o homem” constituiu no universo um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente [analiticamente] uma maioria.<sup>20</sup>

É preciso que haja a correspondência dos termos: minoria (territorialização em um grupo) e maioria (estado de dominação); minoritário (desterritorialização num devir) e majoritário (implica um padrão). Exemplificando, minoria (mulheres, negros etc.) e maioria (humanos sobre as demais espécies); minoritário (devir-mulher, devir-negro etc.) e majoritário (homem-branco-adulto etc.).

Nesse sentido, o “desejo de devir-maioria” aproximaria dois termos que na filosofia de Deleuze e Guattari não se correspondem. Esse movimento poderia ser compreendido inclusive como um assentimento ao que é da ordem majoritária. Para traçar devidamente o problema, teríamos de nos perguntar se é do interesse de uma minoria investir na dominação. Ou melhor, a que se refere Beatriz Nascimento ao aproximar esses dois termos?

Ao abordar o caso dos homossexuais norte-americanos, partindo da análise dos autores em *Kafka*, Beatriz aponta para o fato de haver, mesmo dentro de uma minoria, indivíduos que estão no lugar da maioria – seja por descontentamento do estar fora do poder, excluído, empobrecido etc. Daí o seu esforço em pensar particularmente cada minoria, para dar atenção a esse jogo de forças intraminoria.

Mas, assumir essa posição (de ser maioria no interior de uma minoria) não implica em nenhum registro moral, não implica em dominação e sim em uma posição entre outras. Pois, supor como deveria agir um indivíduo a partir de seu grupo seria erigir um conservadorismo, uma *hegemonia-minoritária*, “onde haveria um eterno opressor e uma eterna vítima no interior dessa relação”.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> “No entanto, é preciso não confundir “minoritário” enquanto devir ou processo, e “minoria” como conjunto ou estado”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4, p. 92.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> NASCIMENTO, M. B. Op. Cit., p. 102.

## II. Beatriz, Deleuze e Guattari: um olhar para o Brasil contemporâneo.

Lancemo-nos no desafio de tecer algumas linhas para uma cartografia política em território brasileiro. Por um lado, com Deleuze e Guattari, é preciso reforçar que não basta ser parte de uma minoria para entrar em um devir-minoritário<sup>22</sup>; por outro, com Beatriz, que dentro de cada minoria há uma proliferação de individuações que requerem um olhar particular.

O problema se coloca a partir da seguinte questão: que relações estabelecer com a identidade e em que grau, maior ou menor, ela está implicada no conceito de minoria? Se a identidade for tomada enquanto união de sujeitos a partir da criação de enunciados que lhes dizem respeito enquanto grupo, possui seu valor, carrega a força política que lhe é própria – pensemos aqui na importância que identificar-se com a periferia tem para um coletivo de jovens artistas em sua construção subjetiva e social, ou ainda, um grupo de meninas que crescem tendo um letramento de gênero sobre a sua condição de ser mulher.

Mas, se valorizar a identidade significar tão simplesmente lutar por representatividade, ou seja, a conquista de um corpo pertencente a uma minoria no centro de poder do espaço público, do espaço intelectual etc., não importando qual, teríamos um engessamento no campo político, trabalharíamos com representatividades ideais, e, por isso mesmo, irrefletidas – pois não examinaríamos caso a caso de qual sujeito estamos falando, a quais forças se alia e quais se combate.<sup>23</sup>

Ao falar da luta feminista, por exemplo, se se tratasse apenas de representatividade e não de um devir-minoritário, nós, mulheres, deveríamos nos contentar com o aumento de corpos femininos no espaço público mesmo se fossem mulheres da extrema direita, ultraconservadoras, que fazem o desserviço de mero assujeitamento aos desejos do patriarcado durante as votações de projetos de lei do país. Mas, não é disso que se trata.

Compreendemos que a noção de representatividade almeja carregar consigo a singularidade e a força de cada minoria, mas, dado o exposto, ela não se mostra suficiente. Antes, seria preciso querer mais e mais mulheres na política na medida em que elas encarnam um devir-Beatriz Nascimento, um devir-Marielle Franco, um devir-bell hooks, na medida em que elas se singularizam e transformam-se em forças ativas e críticas no interior dessa minoria.

Beatriz, ao tecer a sua narrativa enquanto intelectual negra refutando a concepção do quilombo como uma figura mítica do passado, e afirmando que o quilombo é uma

---

<sup>22</sup> “[...] a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que o homem também devenha mulher ou possa devir” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Op. Cit., p. 71).

<sup>23</sup> Como quem supõe dizer algo minimamente relevante ao exclamar “tinha que ser mulher!” ou “sempre um homem!”. Essas frases, exaustivamente repetidas nos dias de hoje, no mais das vezes, culminam em duas posturas radicais: amar ou odiar – carregando consigo toda a pobreza conceitual, política e social com que esses verbos são empregados num tempo mediado excessivamente pela socialização via redes sociais. É preciso enfatizar que essas frases nada mais são que reproduções vazias. Nesses casos, apesar de óbvio, vale frisar: nem se chegou a pensar.



sabedoria sempre atualizada de resistência do povo negro<sup>24</sup>, coloca-nos frente a esse movimento intensivo que é ser a força no interior de uma minoria.

Em suma, falar em devir-minoritário é falar em uma etapa no longo processo de construção política. Pois, “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*”.<sup>25</sup> Ainda em *Mil Platôs*, os autores apontam que:

É certamente indispensável que as mulheres levem a cabo uma política molar, em função de uma conquista que elas operam de seu próprio organismo, de sua própria história, de sua subjetividade: “Nós, enquanto mulheres...” aparece então como sujeito de enunciação. Mas é perigoso rebater-se sobre tal sujeito, que não funciona sem secar uma fonte ou parar um fluxo.<sup>26</sup>

Se consideramos o conceito de devir-minoritário como saída política estratégica é porque ele não cessa de implicar movimento e repouso, conclama todos os sujeitos a fim de comporem essa micropolítica ativa que não negligencia as singularidades inerentes a cada indivíduo, mas, sobretudo, faz do pensamento algo ativo, criador, e não mero reproduzidor de clichês.<sup>27</sup>

O devir-minoritário é aquele que faz abrir a chance de um acontecimento na plena força que esse conceito carrega na filosofia deleuziana. Através dele, contemplamos as muitas chances de individuação singulares, e por isso coletivas e privadas ao mesmo tempo, sem categorizá-las em graus morais, pois nesse caso recairíamos numa hegemonia-minoritária. É preciso “esse movimento intensivo do pensamento, essa exigência de ação problematizadora contra o assujeitamento às ideias estabelecidas”.<sup>28</sup>

Sandro Fornazari aponta, em seu livro *Deleuze: as diferenças intensivas e a potência do pensamento*, a força política desse conceito também para além dos humanos, pois

[...] os devires-minoritários implicam numa recusa coletiva em se submeter a esse processo e a essas maneiras de existir baseadas na exploração irrefreada da potência vital dos corpos, das coletividades, dos biomas, das culturas, produzindo a exaustão, a doença e a morte em troca de uma riqueza concentrada cada vez mais nas mãos de poucas pessoas.<sup>29</sup>

Diante do exposto, podemos concluir que as identidades tais como tomadas no sentido contemporâneo são politicamente interessantes apenas na medida em que fazem passar um devir-minoritário, pois “só uma minoria pode servir de termo medium ativo

<sup>24</sup> “O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição” (NASCIMENTO, M. B. Op. Cit., p. 130).

<sup>25</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3, p. 99.

<sup>26</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4, p. 71.

<sup>27</sup> Em relação ao combate ao clichê, à besteira, a partir do plano conceitual deleuziano, ver: FORNAZARI, S. K. Op. Cit., p. 115-138.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

ao devir, mas em condições tais que ela pare por sua vez de ser um conjunto definível em relação à maioria”<sup>30</sup>.

E, na medida mesma em que elas deixam de ser um conjunto definível em relação à maioria, também somos levados, via Beatriz, a olhar mais atentamente para o complexo campo de forças que se constitui no interior de uma minoria, pois “a negritude, portanto, não é hegemônica nem no espaço, nem no tempo. Também não é no ser, nem na palavra”.<sup>31</sup>

Traçar uma cartografia, selecionar os elementos a partir de problemas e jamais abrir mão da complexidade de pensamento: eis a tarefa que Deleuze, Guattari e Beatriz nos legaram. Abrir mão de operar sempre a partir da incomunicabilidade via segmentação que opõe mulheres a homens, brancos a negros, homossexuais a heterossexuais etc., como se isso se tratasse, a priori, de uma estratégia política relevante.

É preciso investir em formas de problematizar uma comunidade que seja sensível tanto aos problemas humanos como das demais espécies, traçar as linhas possíveis para essa comunidade no interior da sociedade em que vivemos, partindo da complexidade e do desconforto que uma comunicação e laço político entre seres diferentes exige.

Beatriz nos deixou a sua visão a respeito desse assunto. Ouçamos a sua voz:

A favela, o grito do carnaval, o Black Rio, o branco solidário está conosco nessa luta de resistência. Eu, como mulher negra, tenho o poder de afirmar que a pele branca não representa nada para mim. Porque como todos os negros eu tenho minha beleza, minha força e meu saber. Mas eu também dou a minha cultura, o meu saber. Eu sou suficientemente forte para querer o branco comigo enquanto ele não estiver contra mim. Ao longo dos anos essa tem sido a lei do quilombo.<sup>32</sup>

## Referências bibliográficas

- NASCIMENTO, Maria Beatriz. “Por um território (novo) existencial e físico”, “Quilombo: em Palmares, na favela, no carnaval”. In: RATTIS, A. (org.) *O negro visto por ele mesmo*. São Paulo: Ubu Editora, 2022, pp. 89 - 106; pp. 129 - 135.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Ed. Les Éditions de Minuit, 1969.
- DELEUZE, Gilles. “Imanência: uma vida...”. Tradução de Sandro Kobol Fornazari. In: *Revista Limiar*. São Paulo: v. 2, nº 4, 2015.

<sup>30</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Op. Cit., p. 93.

<sup>31</sup> NASCIMENTO, M. B. Op. Cit., p. 104.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 135.

- 
- FORNAZARI, Sandro Kobol. *Deleuze: as diferenças intensivas e a potência do pensamento*. São Paulo: Editora Unifesp; n-1 edições, 2023.
- ROMÃO, Amanda de Almeida. “Amor fati: delineamentos da afirmação em Nietzsche e Deleuze”. In: *Primeiros Escritos*. São Paulo: v. 11, nº 1, 2021, p. 162 – 171.
- MACHADO, Roberto. “Uma geografia da diferença”. In: *Revista Cult*. São Paulo: nº 289, 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-geografia-da-diferenca/> Acesso em: 05 mai. 2024.
- JÚNIOR, Bento Prado. “Bento Prado Jr. analisa Deleuze”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 2 jun. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/02/mais!/7.html> Acesso em: 05 mai. 2024.
- 

Recebido / Received: 11/07/2024

Aprovado / Approved: 29/07/2024